

1. INTRODUÇÃO

1.1. Tema

O presente trabalho examina a tematização da linguagem nas epístolas de Paulo de Tarso, particularmente as direcionadas aos romanos e aos coríntios, enfatizando a tensão entre metafórico e literal, dizível e indizível, e analisando aspectos de seu discurso que, por ora, alinham-se a uma teoria de metáfora já vigente à época, e, por outra, rompem com o modelo de tropo infligido pela Antiguidade Clássica, fazendo-se desenhar uma interessante perspectiva acerca do figurativo. Sabe-se que Paulo insistiu na importância da distinção entre “a letra que mata” e o “espírito que vivifica” (2 Cor. 3:6), e dentro dessa perspectiva, discutiremos a possibilidade de que uma perspectiva pragmática de linguagem compareça nas passagens supramencionadas, levando em conta os prismas da representação e da práxis, com ênfase na oposição entre o metafórico e o literal, e entre o dizível e o indizível.

Abordaremos ainda o aspecto apofático do discurso paulino ao se referir ao indizível como característica mor da linguagem do espírito, a qual não pode ser transmitida à sabedoria humana, senão pela libertação dessa “letra que mata”. Ao tratar desse tema, nossa pesquisa tem por fim atribuir aos estudos de Paulo um lugar de destaque nos escritos acerca dessa linguagem que se orienta para o divino, concebida sob a égide do gênero apofático, desvinculada de sua função representacionista: afinal, Paulo fora o primeiro a abordar a teologia negativa dentro dos escritos bíblicos. Nossos estudos sobre as epístolas paulinas nos fornecerão uma clara idéia de que Paulo, ao contrário do pensamento aristotélico – vigente à época –, soube ver na linguagem algo distinto de um sistema objetivo e fixo de representação, organizado em torno de um núcleo literal, fundador de todas as manifestações lingüísticas, pois, sob o olhar de Paulo, não era a linguagem humana o meio pelo qual o homem poderia sondar as verdades superiores – a ciência de Deus –, porquanto nossa linguagem seria apenas um “espelho” de uma “linguagem real” (1 Cor. 13:12). Essa ciência perfeita, a qual somente pelo espírito se poderia haver, encontrar-se-á no campo do incognoscível, do invisível, do indizível.

Este estudo destacará Paulo como um dos pioneiros no que concerne à perspectiva da *metáfora fundante*. Nos termos de Eco (1994:201), os discursos teóricos acerca da metáfora se movimentam em torno de duas concepções fundamentais:

a linguagem é por natureza, e originalmente, metafórica, o mecanismo da metáfora funda a actividade lingüística e toda a regra ou convenção posterior nasce para reduzir e disciplinar (e empobrecer) a riqueza metafórica que define o homem como animal simbólico; a língua (e qualquer outro sistema semiótico) é um mecanismo convencionalizado regido por regras, máquina previsional que diz que frases se podem gerar e que frases não se podem gerar, e quais das que se podem gerar são ‘boas’ ou ‘correctas’, ou dotadas de sentido, e desta máquina a metáfora é a avaria, o sobressalto, o resultado inexplicável e ao mesmo tempo o motor de renovação. (ECO, 1994, p. 201).

Este estudo pretende mostrar que Paulo pode ser contado entre os pioneiros da primeira vertente, pelo menos em parte, sobretudo no que atine à concepção de uma linguagem superior à conhecida pelas ciências humanas, a qual não pode ser entendida sob o paradigma da representação, tendo em vista habitar uma instância muito além dos olhos da carne, mas que, ainda sim, é linguagem.

Através de um processo argumentativo próprio dos doutores da época, Paulo procurará, insistentemente, libertar a linguagem do “véu que a cobre desde sua fundação” (2 Cor. 3:13), permitindo, assim, que, por meio da morte para a letra, haja vida nova pelo espírito: único meio pelo qual se poderia sondar a inefável linguagem de Deus. Mostraremos que, mesmo esposando formas dicotômicas de pensar que são, em princípio, características do pensamento essencialista e representacionista, Paulo também traz, mesmo que paradoxalmente, importantes pensamentos sobre a linguagem que o aproximam de perspectivas pragmáticas ou não representacionistas.

1.2. Relevância da pesquisa

Quando se fala sobre o discurso apofático na filosofia, na religião, na literatura ou mesmo nas artes, mencionam-se nomes tais como Parmênides, Platão, Plotino, Dionísio (o Areopagita), Nicolau de Cusa, Santo Agostinho, os cabalísticos, Wittgenstein. Alguns pesquisadores, tais como Wiliam Franke (2007), abordam o discurso apofático no texto bíblico de uma forma geral, sem que o nome de Paulo de Tarso tenha um relevo maior. A escolha do presente objeto de pesquisa não é de balde: vem com a finalidade de ampliar os estudos paulinos para muito além da religião e

atribuir à sua obra um lugar de destaque nos discursos que tratam daquilo que não se pode dizer.

O texto paulino acentua ainda mais a importância do discurso apofático como gênero discursivo, haja vista falar de uma linguagem inatingível pela própria linguagem. Ao traçar os limites com os quais a língua dos homens se depara, Paulo alcançará um gênero discursivo ainda pouco desenvolvido pelos estudiosos de seu reduto: o da definição por meio da negação.

Segundo a *Grande Enciclopédia Larousse Cultural* (1995), chama-se apofática “uma teologia que trata da questão do conhecimento de Deus, partindo mais daquilo que Ele não é, que daquilo que Ele é (sin. Teologia Negativa)”. Em sua composição etimológica, o termo *apofático* designa algo como “para longe do dizer”, combinando o sufixo grego *apo*, que designa “separação, afastamento”, e a raiz verbal *phanai*, “dizer”, relacionada, por sua vez, a *pheme*, voz (ver *Online Etymology Dictionary*, de Douglas Harper).. E o apóstolo dos gentios leva a palavra *apophasis* às últimas conseqüências etimológicas, preterindo o silêncio como a mais perfeita expressão do discurso apofático, e não descurando de mostrar a incapacidade da língua humana em captar a essência daquilo que lhe escapa, que lhe transcende, devido a esse afastamento entre as linguagens humana e divina.

Em Paulo, esse gênero discursivo ganha originalidade, e por intermédio de sua morte para o universo do literal, reforçará a imagem da palavra renovada pelo espírito, a qual não somente adquire vida nova, como também atribui a quem consegue se libertar da escravidão do significado uma vida renovada, onde não mais se vêem as coisas como “por espelho e de maneira confusa, mas face a face” (1 Cor. 13:12). Também ganham força no discurso paulino as definições negativas das coisas: Paulo dá à Lei uma função adversa à qual se a vê, atribuindo aos seus mandamentos um poder contrário ao que por ela é almejado.

Paulo é tido aqui como o estopim de inúmeros estudos sobre a linguagem bíblica, assim como sobre a natureza de Deus. Grandes estudiosos da linguagem religiosa, como Santo Agostinho, encontraram no discurso paulino a pedrafilosofal de suas abordagens. Também Tomás de Aquino se fez influenciar: mencionou em suas obras o nome de Dionísio o Areopagita por inúmeras vezes, o qual sofreu grande influência dos discursos deixados por Paulo em sua passagem pelo Areópago de Atenas. Também assim, as epístolas revelam uma linguagem bastante próxima da que, séculos depois, daria origem às discussões filosófico-religiosas da Cabalah. Em suma,

trataremos aqui de um tema, cujo alcance está além de uma definição teórica, no entanto sua relevância nos instiga a uma profícua análise, a fim de que, libertos de quaisquer sectarismos, possamos entronizar a obra de Paulo de Tarso como uma das mais importantes colaborações aos trabalhos acerca do indizível.

Mostraremos também, como já se disse, a relevância de sua abordagem da temática do metafórico, ainda menos estudada do que suas contribuições aos estudos do indizível.

1.3. Método de pesquisa

A fim de obter os resultados esperados em nossa pesquisa, utilizar-nos-emos de trechos selecionados das cartas de Paulo – sobretudo as direcionadas aos romanos e aos coríntios, com algumas inserções das demais epístolas – especificamente relativos à linguagem, destacando e comparando os trechos em algumas traduções, com o intuito de observar a peculiaridade em cada uma delas, sob a ótica lingüística.

Buscaremos nos amparar, a cada trecho selecionado, em trabalhos de filósofos como representacionistas e não representacionistas, tais como Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Vico, Nietzsche, dentre outros, consubstanciando nosso ponto de vista e traçando um paralelo entre os pensamentos lingüísticos presentes em Paulo e o paradigma vigente à época, dessa forma, investigando o corte epistemológico que Paulo buscou fazer em suas cartas.

Aqui tomado como uma importante obra do gênero apofático dentro das Escrituras bíblicas, tanto pela surpreendente abordagem, tendo em vista não ser praxe entre os judeus da época os estudos acerca da natureza inefável da linguagem bíblica, como pela importância que suas cartas adquiriram ao longo dos séculos, colocaremos ao lado de nossa análise de trechos paulinos a colaboração primorosa de grandes filósofos da linguagem, no intuito de corroborar sua literatura, no âmbito da linguagem negativa, não somente como uma teologia marcante na história da humanidade, mas principalmente como pesquisa incessante de linguagem, ultrapassando seus limites lógicos e adentrando num universo acerca do qual Paulo diz sem nunca ter dito.

1.4. Perguntas de pesquisa

Ao desenvolver nossa pesquisa acerca do discurso apofático presente nas epístolas paulinas, buscaremos responder às seguintes questões: (i) onde podemos abordar em Paulo a linguagem vista sob os paradigmas da práxis e da representação? (ii)

de que forma a metáfora é concebida no discurso paulino? (iii) como Paulo pode ser vislumbrado como filósofo do gênero de discurso apofático? (iv) qual a função do “espírito” no discurso paulino no que concerne à aproximação entre o homem e as verdades indizíveis de Deus? No decorrer das discussões aqui levantadas, esperamos dar direcionamento – e nunca uma resposta definitiva – às investigações presentes nesta seção.

1.5. Breve contextualização: origens do discurso apofático

Apesar de destacarmos em nossa pesquisa que nas cartas paulinas o gênero apofático encontra um surpreendente abrigo, de fato não é lá onde este tipo de discurso encontrou seu berço. Antes mesmo de Platão (427 a.C. – 347 a.C.), o filósofo pré-socrático Parmênides (530 a.C. – 460 a.C.) foi uma espécie de fundador da metafísica ocidental, com seu pensamento acerca das vias da verdade e das opiniões (SOUZA, 1996, p. 122). Acerca da primeira, principalmente, tanto a doutrina platônica das formas como a metafísica aristotélica possuem um débito considerável em relação à via da verdade de Parmênides.

Apesar de se ter alcance somente a uma obra do filósofo, intitulada *Sobre a natureza e sua permanência* – um poema filosófico –, a mesma deixou um legado eterno à nossa filosofia, no que tange aos pontos principais de seu pensamento: a idéia de que o mundo sensível é uma ilusão, presente em Platão e radicalizada em Paulo, e a idéia do Ser Uno e eterno, incriado e imutável, características trazidas também nos textos paulinos em larga escala.

Sob essas influências epistemológicas, Platão, em seu diálogo *Fédon*, ressaltará essa vontade suprema que o homem tem de conhecer a verdade, bem como de ascender à sua origem divina; todavia, afirma que o mundo das formas ideais é algo inacessível ao homem, tendo este somente a possibilidade da contemplação e que a verdade é melhor apreendida quando não lograda pelo corpo:

Ora, a alma pensa melhor quando não tem nada disso a perturbá-la, nem a vista nem o ouvido, nem dor nem prazer de espécie alguma, e concentrada ao máximo em si mesma, dispensa a companhia do corpo, evitando tanto quanto possível qualquer comércio com ele, e esforça-se por apreender a verdade (*Fédon*, X).

Em Paulo, ratifica-se essa dificuldade que o homem possui de atingir as esferas superiores; da mesma forma, essa imperícia se dá devido a vislumbrarmos as coisas apenas pelo modo sensível, “por meio da letra”. Paulo, sobre as coisas divinas, afirma:

“Como são insondáveis os seus juízos e impenetráveis os seus caminhos! Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor?” (Rom. 11:33-34). Para o apóstolo dos gentios, apenas livre de suas limitações, o homem pode sondar aquilo que até então lhe era incognoscível: “Pois o espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus” (1 Cor. 2:10). No entanto, mesmo que esse mundo superior seja conhecido, jamais poderia ser expresso em palavras, conforme veremos em passagem das cartas de Paulo aos coríntios, nos capítulos a seguir.

Ainda sobre Parmênides, apesar de trazer em sua obra características de um discurso negativo, *a priori*, esse Ser de Parmênides não é transcendente, podendo se tornar cognoscível pelo pensamento humano (SPINELLI, 2003, p. 273-274). O discurso presente em sua obra, apesar de influenciar pensadores posteriores no que atine ao esboço de um discurso apofático sobre as verdades divinas, não exprime propriamente uma forma de teologia negativa; da mesma maneira, o pensamento de Platão também não será o fundador de fato da chamada via negativa, a qual surge como uma – e não única – forma de tornar possível um discurso sobre realidades transcendentais, em especial “O Uno”, para o qual falham todas as expressões positivas (FRANKE, Vol I, 2007, p. 09). No entanto, é verdade que suas idéias proveram a faísca da qual eventualmente derivaram os princípios da teologia negativa, como por exemplo, em *A República*, afirma-nos Platão que o Bem está acima da essência (*A República*, 509b), e no *Parmênides*, destaca a forma do Uno, já desenvolvida no poema *Sobre a natureza e sua permanência* (*Parmênides*, 127d-e).

Entretanto, apesar da não unanimidade em relação à atribuição a esses dois filósofos da inauguração do gênero apofático, ambos influenciaram pensadores do porvir, tais quais Alcino¹ e Plotino (205 d.C. – 270 d.C.), que tomaram as observações feitas por Platão e Parmênides para modelar as exposições da teologia negativa no médio-platonismo.

1.5.1. Alcino e o *Didaskalicos*

Em meados do século II d.C., houve um filósofo que sumarizou as idéias de Platão, buscando sistematizar uma teologia negativa, tomando como base o discurso apofático presente no *Parmênides*: seu nome era Alcino, e sua obra o *Didaskalicos*, a

¹ Não há uma especificação acerca das datas de nascimento e morte deste filósofo grego. Alcino provavelmente viveu no século II d.C. (DILLON, John. *Alcinous. The Handbook of Platonism*. Oxford, 1993, p. 13).

qual nos fornece a abordagem que Alcino faz sobre a natureza do Divino: a inefabilidade é a principal delas, porém, para o autor, apesar de inefável, Deus pode ser conhecido através do intelecto, por meio de uma abstração do sensível ao inteligível, e deste, a Deus; outra forma seria através de analogias, e aí vemos a teologia afirmativa, pela qual buscamos alcançar a linguagem divina por intermédio de nossas experiências sensíveis com o mundo; e, finalmente, através de uma *via eminentiae*, uma espécie de arrebatamento intelectual.

No capítulo décimo de sua obra, Alcino lança mão de teorias já mencionadas no *Parmênides* de Platão, tais quais a superioridade de Deus a todos os conceitos humanos que lhe possamos dar, como ‘mau’, ‘bom’, ‘indiferente’, etc. O estilo presente no *Didaskalicos*, qual seja, a apresentação seqüencial de negações acerca da natureza divina, seguida por uma explicação racional, é uma retomada clara de Alcino a seus predecessores Platão e Parmênides, entretanto, a ruptura se dará no que diz respeito à incapacidade do homem de conhecer esse Ser Uno – idéia presente em Platão –, pois Alcino traça as três formas de se conhecer Deus pelo intelecto².

1.5.2. Plotino e a *Enéada*

Uma das mais importantes diferenças entre Alcino e Plotino é que este retorna ao ideário platônico de que o princípio da realidade divina não é cognoscível através da racionalidade. Plotino retornou ao Uno como ser absoluto e transcendente a todo ser, origem incriada de tudo, cujas realidades podemos sondar somente através da busca da experiência mística do Uno, da unidade e da união com o Supremo pelo silêncio. Em sua obra *Enéada*, as referências a trechos de *Parmênides* se tornam muito constantes, e a idéia deste Uno como gerador de todos os seres, logo não possuindo qualidade alguma dos seres que criou, porquanto anterior, bem como as negações acerca do movimento ou do repouso deste Ser Superior, constam no discurso de Plotino:

porque então, se não é movido, também não está em repouso? Porque uma destas propriedades ou ambas estão necessariamente em um ser, e o que está em repouso, pelo Repouso está em repouso, e não o mesmo que o Repouso. Assim acontece a ele, e ele não mais permanece simples. (*Enéada* III, p. 63-67)

² “Para Alcino, Deus é inefável e conhecido somente pelo intelecto, pois não possui gênero, nem espécie, nem diferença específica, nem algum acidente. Dessa forma, pode ser conhecido por três modos: pela abstração (do sensível ao inteligível, e deste a Deus), por analogia e por si mesmo” (Revista Hypnos. Ano 12, nº 18 – 1º Sem. 2007 – São Paulo / p. 93)

Na sua obra, Plotino radicaliza a transcendência platônica presente em *A República*, no que concerne ao Primeiro Princípio como superior ao ser. Se em Platão, pensar e ser são iguais, na *Enéada*, este Uno, não sendo de forma alguma o ser, também não poderia ser alcançado pelo pensamento, pois estaria além de nossas faculdades especulativas. Porém, o mesmo Plotino, ao negar a possibilidade de conhecimento do Uno por meio da racionalidade, vai afirmar que, somente pela negação de todas as determinações finitas, pelo despojamento de tudo o que é articulável e dizível (*aphairesis*), pode-se chegar a essa Unidade. Dentro de Sua identidade negativa, o Uno gera todas as coisas e não é nenhuma delas; nem coisa, nem quantidade, nem qualidade, nem intelecto, nem alma; não está em movimento, nem em repouso, não está no tempo e não possui relação com o ser, embora seja a fonte de todo o ser. Essas são características pertencentes ao ser, e, visto que a Unidade não é ser, não pode ser objeto de quaisquer atribuições: Ela se autodefine.

Posteriormente outras visões foram concebidas acerca deste assunto, como, por exemplo, em Proclo (412 d.C. – 485 d.C.), o qual sofisticou um pouco mais o pensamento de Plotino. Para ele, nem mesmo as negações davam conta de descrever esse Uno, sendo, assim, a única maneira de fazê-lo o silêncio (FRANKE, Vol I, 2007, p. 77).

Traçado esse panorama básico de como apareceu na veia filosófica o tipo de discurso aqui em foco, fitaremos nossas análises nas obras de Paulo de Tarso, com fins de encontrar em seus escritos influências destes autores supramencionados, porém, com um fim ainda maior de perceber que nas epístolas paulinas o gênero apofático encontra um amplo horizonte, legando à posteridade fundamentos indelévels acerca da teologia cristã e das filosofias religiosas medieval e moderna.

1.5.3. Sobre Paulo de Tarso

Nascido em Tarso, região da Cilícia, compreendida na região da Ásia Menor, por volta do ano quinto da era cristã, Paulo viveu até a idade de sessenta e dois anos, e apesar de a Bíblia não mencionar a data de sua morte, acredita-se que isso aconteceu no ano 67 da era cristã³. Paulo é de origem judaica, e deve seu título de cidadão romano a seus pais, que possuíam esse direito. Conforme o costume judaico, era possuidor de um nome hebreu – Saulo – e outro grego ou romano – Paulo, que quer dizer pequeno. Por

³ HARRIS, Stephen L. *Understanding the Bible*. Palo Alto: Mayfield, 1985.

ser de berço hebreu, mas conviver em um território de domínio romano, amplamente influenciado pelo pensamento filosófico grego, três grandes correntes culturais influenciaram seu espírito desde jovem: a romana, consistente no culto ao direito e à ordem, componentes do ideal do homem jurista; a grega, caracterizada pelo amor à sabedoria, inerente ao homem filósofo; e a judaica, a qual primava pelo zelo e amor à religião, comprovados em denodados estudos acerca dos livros da Lei dos antigos hebreus. A primeira formação intelectual que Paulo recebe foi exatamente a das introduções nos compêndios da Torah, tanto que por volta de seus quinze anos de idade é enviado a Jerusalém a fim de estudar na escola de Gamaliel, um renomado rabi das letras judaicas, a sabedoria exegética dos rabinos. Mas, como cidadão de Tarso, Paulo cresceu em um ambiente envolto pela cultura greco-romana, o que proporcionou ao jovem um conhecimento filosófico e literário da cultura helênica, do qual bem se usou em algumas passagens de suas cartas, como por exemplo, na primeira epístola aos coríntios, quando cita um verso do poeta Menandro, com objetivo de transformá-lo em máxima popular: “As más companhias corrompem os bons costumes” (1 Cor. 15:33), ou ainda em sua carta a Tito, faz menção à citação do poeta cretense Epimênides de Cnossos: “os cretenses são sempre mentirosos, animais ferozes, comilões vadios” (Tito, 1:12).

Paulo era um judeu com boa cultura grega, haja vista esses contatos com o mundo greco-romano, cuja influência se reflete em sua maneira de pensar, bem como em seu estilo e linguagem, como no caso em que cita, por exemplo, Menandro; além do que, era conhecedor da filosofia popular baseada no Estoicismo, ao qual deve seu estilo de argumentação (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1956).

Não sabemos se antes de sua visão do Cristo – o cair do cavalo⁴ – Paulo possuía alguma obra escrita, o que é verossímil, mas não nos vem tanto ao caso. O momento-chave da reviravolta é exatamente quando abandona seus preceitos judaicos, baseados na Torah, e corre o mundo proclamando suas novas teses, não mais embasadas na literalidade da lei, contudo na sobrepujança dessas verdades convencionais, e na entrega a uma natureza transcendente a todo homem, somente possível na morte para a letra, pois a vida só se encontra nesse cosmo supra-racional, o qual Paulo chama de espírito.

⁴ Saulo de Tarso, no livro Atos dos Apóstolos, 9:3-9, é envolvido por uma luz, a qual se denomina Jesus Cristo, a quem ele perseguia, fazendo com que caísse do cavalo e ficasse cego por três dias. É o início de sua conversão, quando passou a se chamar Paulo.

É a temática de seus discursos essa abordagem anti-literal, e por esse novo ideal Paulo viajará por Europa e Ásia, a fim de propagar suas crenças filosóficas em um novo Deus, avocando o discurso negativo como a única forma de se conjecturar a linguagem de Deus.